

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA NACIONAL ESCOLA DE GESTORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR
4ª Edição (2014/2015)

Marlon Juliano Lima Weber

**A ESCOLA EM CASA:
A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR**

Santa Cruz do Sul,
Outubro de 2015.

Marlon Juliano Lima Weber

**A escola em casa:
a importância da participação da família na vida escolar**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gestão Escolar, do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar.

Orientador (a): Prof. Dr. Márcio de Freitas do Amaral

Santa Cruz do Sul, outubro de 2015

A todos que me auxiliaram nesta longa e penosa trajetória, principalmente meus colegas de trabalho, pelo auxílio a mim dedicado, minha família pela ausência, minha esposa pelo incentivo, meus filhos, que me deram apoio nesta caminhada árdua, mas de muita aprendizagem e gratificação.

Agradecimentos

Agradeço a todos os professores do Curso, principalmente ao meu orientador Prof. Dr. Márcio de Freitas do Amaral pela cooperação, sabendo compartilhar a vivência.

Agradeço muitíssimo também a Deus e à minha família por mais esta oportunidade de crescimento dentro de minha carreira como professor.

*Seja o que for que você possa fazer, ou sonhe
fazer, comece. A ousadia envolve talento,
poder e magia.*

Goethe

RESUMO

O trabalho a seguir reflete sobre a participação da família, de modo especial dos pais, na vida escolar dos seus filhos. Pensando a família como uma das principais responsáveis pela socialização das crianças no contexto escolar, é uma referência no processo de desenvolvimento sócio-cultural das crianças. A partir da experiência de acompanhamento das reuniões mensais que a direção de uma escola pública realiza com o Círculo de Pais e Mestres, Conselho Escolar e Grêmios Estudantil, problematiza-se as formas e os significados da participação das famílias nas atividades realizadas pela escola. A participação dos pais na escola é muito importante na elaboração do projeto político pedagógico, nos Conselhos Escolares, criando relações de colaboração, estendendo-se assim uma maior cooperação nos processos educativos. Como metodologia de pesquisa utilizou-se, além da observação e acompanhamento dos espaços de representação e participação dos pais, um questionário aplicado com os pais dos primeiros anos do ensino fundamental (1º ao 4º ano) como forma de compreender e problematizar, a partir desse segmento, as compreensões acerca deste tema, lançando perspectivas acerca dos desafios que emergem para a gestão democrática.

Palavras-chave: Projeto Político Pedagógico. Participação. Gestão democrática. Relação família-escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O DIREITO A EDUCAÇÃO: UM PRINCÍPIO PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA	Erro! Indicador não definido.
1.1 A CRIANÇA E A ESCOLA: RELAÇÕES A SEREM PENSADAS	12
1.2 A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA.....	16
2. CONHECENDO A ESCOLA	20
2.1 O CENÁRIO DA PESQUISA	20
2.2 ANÁLISE DOS DADOS	21
2.3 UMA NOVA ESCOLA: PAIS MAIS PRESENTES.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33
APENDICES QUESTIONAMENTO PARA OS PAIS -	36

INTRODUÇÃO

Entre as funções sociais que se estabelece em relação à família, está a de atender as necessidades básicas de desenvolvimento e cuidado dos sujeitos, preparando-os para a vida em sociedade. Nesse contexto, engajada nos valores desta sociedade na qual está inserida, emerge o desenvolvimento da socialização, da afetividade e do bem estar físico e mental de cada sujeito que dela faz parte, principalmente, durante a infância e a adolescência.

Em acordo com esse princípio, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9394/96), destaca o papel da escola nesse contexto, afim de aproximar-se um pouco mais da família, para assim haver uma consonância maior dos processos de ensino aprendizagem com as funções sociais estabelecidas em sociedade, com a LDB o Brasil ingressa em um novo momento de implantação da lei, determinando, efetivamente, a capacidade de encontrar e buscar soluções para os problemas que enfrenta em matéria de ensino e de sua administração. Ao contrário da legislação anterior centrada no ensino, esta LDB apresentou uma ruptura radical, pois enfatiza a aprendizagem, deixando claro, em vários artigos, que é a aprendizagem e o conhecimento do aluno que devem embasar a organização escolar.

Emergiram, a partir destas concepções, um paradigma que servirá como fonte de referência para as escolas apresentando um “novo homem, uma nova sociedade” que busque a valorização do indivíduo e do coletivo, uma nova escola, buscando ser democrática, autônoma, e de qualidade, A Lei nº10576/95 já definiu as linhas de gestão Democrática do Ensino Público do Estado do Rio Grande do Sul, reforçando a ideia de autonomia da escola. Como consequências dessa autonomia, surgem desafios no cotidiano escolar.

Por esta razão, a formação do indivíduo para a autonomia se torna fundamental, pois cabe à escola essa corresponsabilidade em conduzir os

sujeitos nesse processo de passar de uma relação de dependência para uma relação de independência, assumindo assim sua autonomia.

Para que isto seja posto em prática, faz-se necessária a presença da família no cotidiano escolar, bem como o auxílio junto aos estudantes em casa, no dia a dia da vida escolar. A gestão democrática, de acordo com o seu art. 1º, será exercida com vistas à observância dos seguintes preceitos:

- 1 – autonomia dos estabelecimentos de ensino na gestão administrativa, financeira e pedagógica,
- 2 – livre organização dos segmentos da comunidade escolar.
- 3 – participação dos segmentos da comunidade escolar nos processos decisórios em órgãos colegiados;
- 4 – transparência dos mecanismos administrativos, financeiros e pedagógicos;
- 5 – garantia das descentralizações do processo educacional.
- 6 – valorização dos profissionais da educação;
- 7 – eficiência no uso dos recursos.

Analisando estes itens, vê-se os desafios que se apresentam para uma direção de escola (gestão escolar), pois a autonomia que lhe é transferida, aumenta sua responsabilidade junto à comunidade escolar como um todo: professores – alunos – pais – supervisores escolares – orientadores educacionais.

Esta abertura concedida na lei da gestão democrática faz analisar se realmente esta tríade *alunos-pais-professores* estão prontos para o novo papel que a escola passou a exercer, com autonomia, poderes de decisão e participação. Planejar participativamente, pensar em uma administração voltada aos princípios da gestão democrática e construir projetos escolares, que, além de pedagógicos, sejam também políticos, é o desafio de toda escola que consegue pensar seu papel na sociedade, apesar de todas as dificuldades vivenciadas no processo escolar.

Envolver a comunidade escolar nas diferentes atividades escolares, criando espaços para que possa atuar em prol da conquista de uma verdadeira participação é o primeiro passo para convencer e comprometer a comunidade

com os destinos da instituição escolar. Portanto, a construção de um projeto político pedagógico é um desafio, mas não utopia: é necessário conhecer os obstáculos e ultrapassá-los para buscar o aprimoramento necessário nas futuras construções participativas.

Este tema pode ser amplamente discutido e confrontado, produzindo novas experiências na produção de conhecimentos e habilidades, ajudando a chegar ao necessário amadurecimento da prática de participação da comunidade escolar em projetos políticos-pedagógicos. O espaço escolar tende a se aproximar do espaço familiar para se interrelacionarem e se materializarem no fazer pedagógico, principalmente, para a elaboração do Projeto Político Pedagógico.

A gestão democrática, caracteriza-se pela soberania do grupo, pela divisão dos poderes, pelo controle do autoritarismo da direção. A dinâmica escolar assume papéis importantes: construção dos conselhos, o provimento do cargo de diretores através de eleição direta, a constituição de grêmios estudantis, elaboração e operacionalização do projeto político pedagógico.

O foco deste trabalho de pesquisa foi analisar e problematizar a participação da família na escola e na educação dos “dos seus filhos”. Este é um tema emergente no contexto escolar, uma vez que acaba sendo tarefa da escola sensibilizá-los a colaborarem ativamente da vida escolar. A escola faz parte do cotidiano do aluno e a família deve estar envolvidos em todo o processo de aprendizagem. Para tanto, no caso da escola estudada (como descreverei mais adiante) realizam-se reuniões mensais que envolvem o Conselho Escolar, CPM e Grêmios Estudantis sendo sempre debatidas metodologias visando uma participação mais efetiva dos pais na educação dos filhos.

O principal motivo para escolha do tema foi a importância da participação familiar – especialmente dos pais - na vida escolar dos filhos, pois no contexto da escola estudada essa participação, na maioria das vezes, só acontece em ocasiões como a entrega de boletins e palestras, ou ainda quando os alunos estão apresentando dificuldades na aprendizagem ou comportamento inadequado. Percebe-se que esta participação deve ser mais

constante para que haja um crescimento melhorado tanto no que tange à postura na escola (comportamento) quanto na capacidade de aprendizagem dos alunos, bem como o amadurecimento emocional e o desenvolvimento social. Sabe-se que é cada vez mais importante sensibilizá-los a colaborarem ativamente da vida escolar, pois esta realidade faz parte do cotidiano familiar. Daí o seu envolvimento em todo o processo de aprendizagem.

No contexto desse trabalho, optou-se por realizar uma pesquisa com duas abordagens: a primeira, do acompanhamento do cotidiano escolar e das relações com as diferentes famílias, uma vez que o pesquisador atua como gestor na escola em questão. A segunda, a aplicação de um questionário com 8 questões dirigidas que contribuiu, após posterior tabulação, para uma análise das concepções das famílias acerca desse tema, relacionando-as com aportes teóricos que refletem acerca da gestão escolar em seus princípios e com a realidade escolar.

O objetivo deste trabalho foi o de conhecer como as famílias, de modo especial os pais e responsáveis primários, consideram a sua participação na vida escolar de seus filhos, bem como o que os mesmos sugerem para que essa participação seja mais efetiva. A partir da análise dessas relações, buscar formas para a construção de um Projeto Político, juntamente com toda comunidade escolar, para um melhor crescimento dos filhos em sua vida escolar.

1. A RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DO DIREITO A EDUCAÇÃO

1.1 A CRIANÇA E A ESCOLA: RELAÇÕES A SEREM PENSADAS

No contexto contemporâneo, em função das transformações no ambiente familiar (maior tempo de trabalho dos pais, necessidade de formação contínua, entre outros) a criança acaba vivendo mais tempo na escola e em atividades fora de casa, produzindo um certo afastamento de seu contexto familiar (pai, mãe, irmãos, avós, entre outros com quem convivem). A escola contando com a participação da família no cotidiano escolar é um privilégio para as duas instituições, uma vez que a escola-família dificultam ou favorecem o processo ensino aprendizagem.

Embora a família seja fundamental no processo de desenvolvimento integral das crianças, ela não pode assumir sozinha a culpa pelo sucesso ou pelo fracasso escolar dos alunos, pois o bom ou o mau desempenho escolar não depende exclusivamente da participação/presença ou não da família na escola. Outros inúmeros fatores (sociais, políticos, econômicos e culturais) influem no desempenho, bem como no sucesso ou no fracasso escolar dos alunos, inclusive o tipo de participação requerido para a família” (SILVA e VARANI, 2010).

Nesse sentido, conforme Silva e Varani (2010), a proposta não é “encontrar culpados” nos processos de socialização, mas compreender o tipo de dinâmicas que diz respeito às relações que os pais estabelecem com a escola e que a escola estabelece com os pais. O conceito de envolvimento relaciona-se com um tipo de trabalho direto realizado pela família junto aos educandos. (SILVA, 2003).

A criança é um sujeito social e histórico, fazendo parte de organizações que estão inseridas em uma sociedade, sua família e sua escola, em uma determinada cultura, num determinado momento histórico. É um sujeito

profundamente marcado pelo meio social, familiar em que se desenvolve, e que também o marca. A criança tem na família um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais ou estabelece com outras instituições sociais.

Para Melchior (1994), a infância se constitui em uma etapa do desenvolvimento cujo significado é a adaptação ao meio físico/social/educacional. É uma forma de “entender o mundo” através de estruturas cognitivas que, na interação da criança com objetos do mundo físico, vão se aperfeiçoando em direção a uma visão de mundo mais adaptado ao real, baseado no pensamento lógico.

Encorajar a criança a refletir na escola é estimulá-la a comparar, a antecipar, a deduzir, a inferir, procurando soluções e explicações e desta maneira, desenvolver a sua atividade mental. Dessa forma, é fundamental que essas práticas também sejam estimuladas no ambiente familiar, o que destaca a necessidade de aproximação da família com a escola, especialmente com os professores.

Para Bababan (1988), os pais e os filhos desejam uma escola aberta, de qualidade, participativa, humanizada, justa, com igual acesso de direitos, voltada para a cidadania, com resgate de valores e integração de professores, alunos, pais, comunidade, onde os problemas sejam discutidos de maneira crítica e construtiva, com oportunidade igual para todos. Para Salk (1976), o trabalho pedagógico presenciado pelos pais precisa ser bem organizado com sensibilidade, valorizando o ato criativo e a construção pelas crianças de respostas, garantindo-lhes a participação em diferentes experiências.

Assim, de acordo com esses autores, os professores necessitam organizar um cotidiano de atividades agradáveis, estimulantes, desafiadoras, sem ameaças a autoestima, nem promover a competitividade das crianças, mas, sim, estimulando a comunicação, criatividade, convivência a busca de soluções para os problemas, apropriando-se de diferentes linguagens e saberes que circulem em nossa sociedade.

Toda criança possui um potencial de sentido que precisa ser desvendado. A explicitação desses sentidos, através de diferentes linguagens,

das várias formas de expressão de representação, aponta para o caminho que permite a criança tomar consciência de sua maneira de pensar o mundo, permitindo ao professor acesso ao seu universo imaginário, as suas formas de ser criança. No processo de construção do conhecimento, conforme Hoffmann (1991), as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desenvolver. Nessa perspectiva, as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelece com as outras pessoas, colegas, professores, direção da escola e com o meio em que vivem. O conhecimento, segundo Salk (1976) não é cópia da realidade, mas, sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. Ao elaborar a proposta curricular, deve-se ocupar de diferentes atividades em conformidade com as características de cada instituição, de acordo com a proposta pedagógica, com atenção as características das crianças. Proporcionar atividades possibilitem atingir a expressão motora e modos de perceber seu próprio corpo, ampliação da sensibilidade da criança a música, a dança, a linguagem teatral. Assim, aspectos como a motricidade, a linguagem, o pensamento e a sociabilidade são integrados e se desenvolvem, construindo conhecimento diversificado, uma vez que modifica sua forma de agir, sentir e pensar.

Além disso, promover, conforme Freire (1998), faz com que a criança se envolva com o meio ambiente, com a conservação da natureza, priorizando contexto e situações significativas, explorando o uso de conhecimentos matemáticos com características básicas como: o conceito de números, de medida, de forma, de problema, bem como a habilidade de se orientar no tempo e no espaço.

A educação básica, como comumente é caracterizada, é a fase em que a criança “imita tudo e tudo quer saber”; é a fase dos “porquês” e dos “o quês”.

O desenvolvimento cognitivo, diz Freire (1998) é uma construção contínua, comparável à de um grande edifício que se torna mais sólido a cada conhecimento. Segundo o autor, é muito difícil ensinar conceitos matemáticos, quatro operações apenas teoricamente. O sujeito elabora, através de suas próprias ações, a criança em especial, jogando, brincando, e interagindo assimila com maior qualidade as realidades intelectivas, o que de outro modo seria um processo mais difícil de acontecer.

É importante lembrar, conforme Tiba (1996) que todos os jogos de que as crianças participam, que inventam nessa fase, constituem verdadeiros estímulos que enriquecem os esquemas perceptivos (visuais, auditivos e sinestésicos), operativos (memória, lateralidade, representação, análise, síntese, causa, efeito), funções essas que, combinadas com as estimulações psicomotoras (coordenação fina), alguns aspectos que dão condições posteriormente para o domínios da leitura e escrita.

Entretanto, como processo de desenvolvimento da criança, essas práticas não devem ficar restritas apenas ao ambiente escolar. Conforme Hoffmann (1991), há uma troca dos papéis entre famílias e escola, isto é, a instituição de ensino cada vez se preocupa com as normas de conduta de seus alunos e a família se ocupa do ensino de seus filhos. O papel primordial deve ser a promoção do desenvolvimento do indivíduo, não se limitando à aquisição de conteúdos. É um espaço privilegiado para o desenvolvimento de ideias, crenças e valores. Conforme a autora, a família possui um dos principais papéis a socialização da criança: a inclusão no mundo cultural, as regras da convivência em sociedade, onde se aprofundam os laços de solidariedade.

A educação, segundo Tiba (1996), é um dever da família e da escola. Os dois segmentos da sociedade devem interagir para garantir os direitos da criança no que às questões referentes ao ensino, dando-lhes suporte e apoio para o pleno desenvolvimento da aprendizagem. Todos têm o direito de ser educados. A educação é fundamental, porque ela forma o ser humano, sendo assim, ela é um direito universal de todos. Ela é condição, para que o indivíduo possa participar. Ampliando esta ideia, pode-se dizer, então, que todo ser humano tem o direito de ser educado para viver no seu momento.

Conforme esses argumentos, deve-se observar aspectos fundamentais referentes: a formação do ser humano, o direito universal de ser formado, estabelecendo condições tais como: o tipo de participação que se vai ter, o mínimo de informações que se precisa e o tipo de gestão que se vai produzir na escola para formar o ser humano na instituição escolar.

A construção de uma proposta pedagógica bem elaborada que privilegie um aluno com autonomia sobre o seu conhecimento, atuante, de fato e de direito, ativo, solidário, responsável, cidadão, privilegiando a realidade local, tendo, como referência o homem, a escola, a sociedade e que os conteúdos curriculares tenham dimensões sociais, políticas e econômicas, possibilitando a expressão da cultura do contexto global, bem como um trabalho conjunto de todos os segmentos da escola.

1.2 A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA

A escola como instituição de ensino/aprendizagem, auxilia no crescimento da criança. A participação dos pais na escola deve ter como finalidade a socialização da criança, a inclusão no mundo cultural, a transmissão do equilíbrio emocional e afetivo para o crescimento da dimensão humana.

Vê-se, então conforme Luckesi (1980), que é importante, desde cedo e durante todas as experiências da vida escolar do aluno (uma vez que elas servem para o fortalecimento da autoestima), interesse e curiosidade pelo conhecimento do mundo, na familiaridade com diferentes linguagens, na aceitação e no acolhimento dos diferentes entre as pessoas.

Feitosa (2009) destaca que a Educação Básica tem a finalidade de desenvolver o educando, assegurar a formação comum para o exercício da cidadania. Esse objetivo da instituição visa à introdução da criança na cultura. O estabelecimento de um clima de segurança, confiança, afetividade, incentivo, elogios e limites colocados aos alunos pelos professores e pais de forma sincera, clara e afetiva dão o tom de qualidade de interação entre adultos e

crianças. O professor consciente de que o vínculo é para a criança, parte contínua de significações, reconhece e valoriza a relação interpessoal.

Conforme Luckesi (1980), as crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que “sentem e pensam” o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as formas que lhes são próximas, com seus pais e com o meio em que vivem, revelam seus esforços para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam.

Assim, para Feitosa (2009), todo Plano Político Pedagógico precisa garantir uma educação compatível com as necessidades da sociedade na qual os sujeitos da educação usam seu espaço de vida social, para que esses sujeitos tenham um potencial cognitivo ampliado, capaz de transitar emocional e intelectualmente nos caminhos da sociedade. O plano Político Pedagógico confeccionado por todos os segmentos da escola, bem como dos pais dos alunos, deve garantir ao aluno as necessidades básicas de aprendizagem, a fim de torná-lo cidadão capaz de transformar as desigualdades sociais e culturais.

Para atingir esse objetivo faz-se necessário que as famílias estimulem o “amor afeto”, professores substituam o conteúdo empacotado, a rigidez, a passividade pela vida, pela alegria, pelo entusiasmo de aprender, pela maneira de ver, pensar, compreender e construir o conhecimento. A formação do aluno começa dentro da família, estendendo-se à escola que deverá zelar pela continuidade da mesma, tendo como objetivo principal a formação do aluno/filho (ZAGURY, 1993).

A família é um modelo para a criança no desenvolvimento de suas profundas atitudes, no sentido de controle da criança. Assim sendo, é de fundamental importância que os conflitos dentro da família se resolvam de forma aberta e construtiva. Os sentimentos agressivos, uma vez reprimidos e, portanto, não expressos abertamente poderão causar sérias consequências para indivíduos na vida futura.

Para Salk (1976), o professor se depara diariamente com uma carga muito grande de agressividade. Crianças podem ser extremamente cruéis e o

professor deve estar emocionalmente e cognitivamente preparado para enfrentar tal situação. Geralmente os alunos transferem ao professor toda uma carga de agressividade oriunda de conflitos familiares. Ainda para Rayas (1990), é importante ressaltar que há necessidade também de limites. A família serve de referência dentro do contexto social em que se encontra inserida, e por isso educa socialmente ao construir limites. Desde cedo, ela precisa entender que conviver com os outros também significa respeitar e ser respeitado. O diálogo é fundamental, para que a criança possa entender o porquê de se fazer ou não de não se fazer as coisas.

Vive-se em um tempo de crise onde os pais não confiam em si mesmos, de acordo com McLaren (1997), temem que influências externas sejam mais determinantes do que eles próprios exercem sobre os filhos passando a responsabilidade para a escola. Do outro lado vem o professor enfrentando o mesmo problema. É uma questão polêmica e angustiante, pois na maioria das vezes não se sabe ao certo, que atitude tomar frente a certos tipos de comportamento. É preciso se ter cuidado de até que ponto se pode ir sem ferir a integridade do filho ou aluno.

A colocação de limites para Salk (1976) faz parte da educação, do processo civilizador e, portanto, a ausência total dessa prática pode gerar uma crise de valores, uma volta a um estado selvagem em que vale a lei do mais forte. Aos pais cabe, pois, buscar uma forma de equilíbrio, de manter a família equilibrada em todos os locais, auxiliando assim o professor e o seu próprio filho para o futuro.

Assim, esses argumentos justificam a necessidade de aproximação da família e da escola, estando constantemente em contato para auxiliar os atores da educação, expondo os pontos de vista para que um crescimento mútuo: escola e aluno. Para Feitosa (2009), a família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência, do desenvolvimento e da proteção dos filhos e demais membros. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informação, uma vez que é, em seu espaço, que são absorvidos o valor ativo e humanitário, onde se aprofundam os laços de solidariedade.

Conforme Zagury (1993) a interação nas escolas com os pais tem se estabelecido de diversas formas, tais como: contribuição financeira por meio da Associação de Pais e Mestres (APM), participação em eventos com fins lucrativos (festas juninas, entre outros), ajuda na tarefa de casa e também prestação de serviço à escola. Verifica-se em eventos como brechós de roupas e calçados usados, festa do sorvete, chá do dia das Mães, a participação dos pais na escola é mínima. Entretanto, problematiza-se esse tipo de participação pois apenas contribuem financeiramente e se fazem presentes de forma passiva, sem um comprometimento efetivo com a realidade escolar.

Para Melchior (1994), a escola deve oferecer ocasiões de diálogos, promovendo assim a abertura para os pais e a participação destes nas decisões da instituição de ensino. Desta maneira, poderão ter condições para influir a respeito das ações e objetivos da escola, bem como do Projeto Político Pedagógico.

2. CONHECENDO A ESCOLA

O presente estudo possui uma abordagem qualitativa de pesquisa. Em uma pesquisa-ação, realizada anteriormente a este estudo, foi desenvolvido um *Fórum de Discussão*, contando com a participação de pais, alunos e professores, onde se constatou que a escola deveria criar mecanismos para haver uma maior participação da família nos eventos realizados pela escola. Em conjunto, este espaço compartilhado refletiu acerca das inquietudes que se enfrentam na escola e sua relação com a realidade social.

Durante a aplicação da pesquisa-ação, foram realizadas entrevistas, questionários, reuniões com pais, com toda a comunidade escolar para a efetivação do Relatório Descritivo do PI. A partir deste material, desenvolveram-se as análises e problematizações que aqui serão apresentadas.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com o nível de realidade que não pode ser quantificado, mas sim em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atividades. Trabalho com a vivência, com a experiência, com o cotidiano (ALVES; GEWANDSZNAJDER, 2001).

2.1 O CENÁRIO DA PESQUISA

O cenário desta pesquisa foi uma escola estadual da cidade de Passo Sobrado, fundada em 29 de setembro de 1937, situada na Rua Gustavo Jorge Dettenborn, nº 711. A escola apresenta em sua composição, uma equipe diretiva: diretor, vice-diretor, supervisora escolar, orientadora escolar; professores de diversas áreas; bibliotecária, auxiliar de limpeza. A equipe

diretiva é auxiliada pelo CPM (Círculo de Pais e Mestres), Conselho Escolar e Grêmio Estudantil.

A pesquisa-ação foi realizada entre os membros da comunidade escolar, pais de alunos do Ensino Fundamental séries iniciais, que responderem a um questionário de forma voluntária.

Para a realização desta consulta, alguns procedimentos foram assumidos. De acordo com Thurler (2001), denominam-se procedimentos como um conjunto de execuções práticas, na grande maioria, previamente pensadas, as quais são conjugadas no campo, mais precisamente no momento e no local em que o pesquisador contractua os sujeitos e recolhe os dados por ele coletado. Assim, além do acompanhamento aos espaços de participação das famílias na escola – atividades, conselhos, fórum de discussão entre outros -, optou-se pela aplicação de um questionário que possibilitou uma análise de dados, tendo como base a leitura das respostas que foram fornecidas por trinta pais com filhos nas diferentes séries do Ensino Fundamenta séries iniciais.

2.2 ANÁLISE DOS DADOS

O contato direto com a necessidade de formar um cidadão com perfil adequado à realidade social e econômica no início do século XXI está norteando o surgimento de uma nova escola.

O processo dinâmico de gerenciar tanto o aspecto administrativo como de pessoal e o projeto político e pedagógico está sendo incorporado no ambiente educacional como parte de um novo modelo de gestão, a consciência de que mudar é preciso pode ser medida, através do tamanho do desafio a que educação está sendo submetida.

Conforme Hoffmann (1991), faz-se necessário preparar os alunos para serem empreendedores, para planejar, decidir, organizar e pensar em equipe. Hoje a escola ensina de forma linear, desenvolvendo um pensamento linear, quando para solucionar problemas às pessoas necessitam de um pensamento integrado.

Nesta etapa do trabalho foram consultadas pais em diferentes séries do Ensino Fundamental. Sendo que o questionário foi enviado a 36 pais do 1º, 2º, 3º e 4º ano da escola, que compareceram a entrega de boletins do 1º trimestre da escola. Cada pai recebeu um questionário para ser respondido em suas respectivas casas, para que pudessem ter mais liberdade e não ter nenhum tipo de constrangimento. Foram orientados que entregassem as respostas em quatro dias, onde se deixou claro que não era obrigatório o preenchimento do mesmo, retornando para análise de dados 30 destes questionários.

Na primeira questão sobre participação, foram questionados sobre o nível de participação em atividades escolares. 80% responderam que participam em atividades diversificadas na escola (eventos, reunião, festividade). 20% disseram que somente “*vem para a entrega de boletim*”.



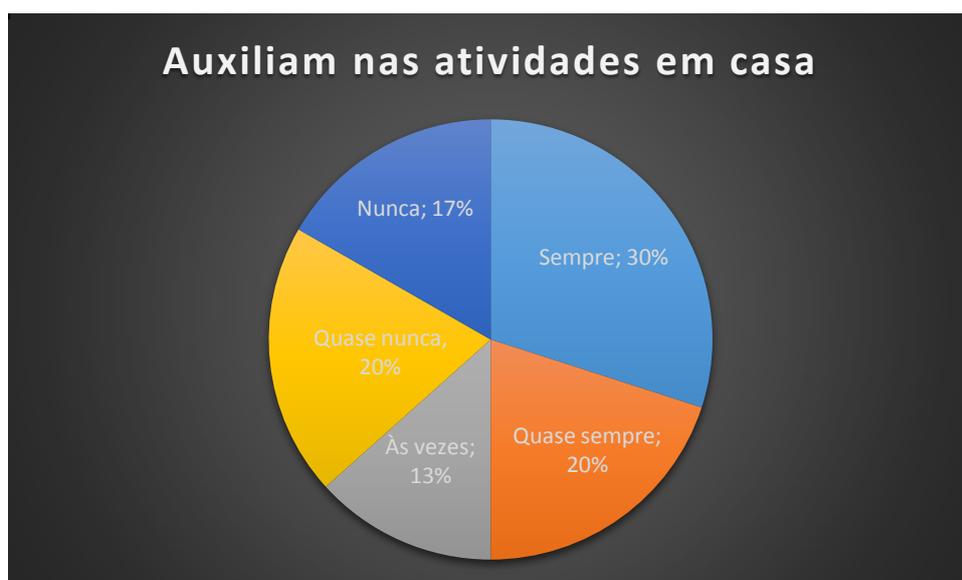
Lembramos que para Zagury (1993) a participação das famílias na escola contribui na constituição de uma estrutura mais adequada para a comunidade escolar (com bibliotecas, laboratório, quadra de esportes, vídeo, computador) para uma educação de qualidade, acompanhando o desenvolvimento do mundo atual.

Para Luskesi (1997) o envolvimento efetivo das famílias interfere na construção de uma escola com autonomia administrativa e financeira, com recursos humanos apropriados (em número e em qualidade), moderna,

compromissada, atualizada, séria, divertida, que acompanha o progresso da sociedade e a evolução tecnológica, oportunizando a todos (alunos, professores e comunidade) crescimento individualizado e grupal.

A participação dos pais é muito importante nos conselhos de classe, nos projetos didáticos e nas atividades promovidas pela instituição, possibilitando juntar experiências, saberes e articular os dois contextos do desenvolvimento da criança: família – escola.

Na segunda questão, em torno de 57% dos pais reconhecem que a vida escolar dos filhos é de suma importância. Completando a pergunta três, 63% disseram que auxiliam os filhos nas tarefas, isto é, em temas e pesquisas. O restante dos respondentes afirmam que é pouco importante esse acompanhamento, ou que ainda que os filhos “devem saber que estudar é para eles mesmos e não para os pais”.



Para Demo (1997), saber pensar a sua própria prática, refletir criticamente sobre o modo como se desenvolve o seu trabalho e sobre os procedimentos do sistema escolar, de forma inteligente, agregar mudanças qualitativas aos mesmos é trabalhar pela consecução dos resultados positivos da aprendizagem, razão de ser dos próprios atos educativos.

Segundo Luckesi (1980), a cada situação vivida, a criança do ensino fundamental realiza aprendizagem futuras. A aprendizagem é parte deste estar

no mundo, é uma atividade indispensável à constituição do ser social ~~que ela é,~~ logo, é necessário que as rotinas, as grades de horário, a organização de conteúdos abram espaço, para que se possa junto com as crianças brincar, produzir cultura e interação social.

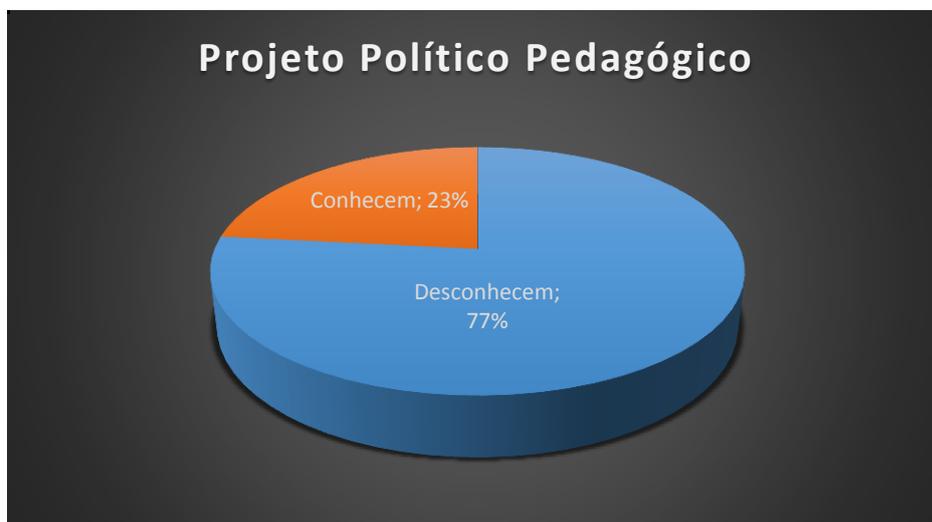
Na quarta pergunta, ao questionar sobre motivação, 80% das famílias afirma que os seus filhos vão muito motivados para a escola, porque gostam dela, da direção, dos professores. 17% que os filhos vão motivados e 3% colocou que vai pouco motivado, porque não gosta de estudar.



Quanto à quinta questão, 100% dos pais disseram que recebem os bilhetes da escola, sempre que há um chamamento. Os filhos não os enganam: todo convite sempre é bem-vindo.

Planejar participativamente, pensar em administração voltada aos princípios da gestão democrática e construir projetos escolares, que além de pedagógicos, sejam também políticos, é o desafio de toda escola que consegue pensar grande, apesar de todas as dificuldades vivenciadas no processo escolar. Envolver a comunidade escolar nas mais diferentes atividades escolares, para que ela possa trabalhar em prol da conquista de uma verdadeira participação, é o primeiro passo para convencer e comprometer a comunidade com os destinos da instituição escolar.

Quanto ao Projeto Político Pedagógico da escola, 77% responderam que o desconhecem.



Como gestores, sabemos que o Projeto Político Pedagógico, funciona como um guia para as ações da escola, indicando a direção correta a seguir. É um documento que envolve não apenas a gestão da escola, mas todos os membros da comunidade escolar, incluindo professores, funcionários, pais e alunos.

Sabe-se que o PPP pode ser um eficaz instrumento de planejamento escolar, é considerado um instrumento indispensável à melhoria da qualidade de ensino, além de ser uma boa ferramenta avaliativa, e orienta as ações pedagógicas dos gestores e professores da escola.

Demo (1997) observa que, o aprender, o aprendido, a aprendizagem são palavras-chaves, destacando a importância da elaboração da proposta pedagógica e o zelo pela aprendizagem do aluno com as grandes responsabilidades da escola e do professor. A escola para tornar o aluno um cidadão necessita pensar na integração entre a educação e a cultura, escola e comunidade, proporcionando uma democratização das relações de poder dentro da escola, o enfrentamento da questão da repetência e da avaliação, a visão interdisciplinar e a formação permanente dos educadores.

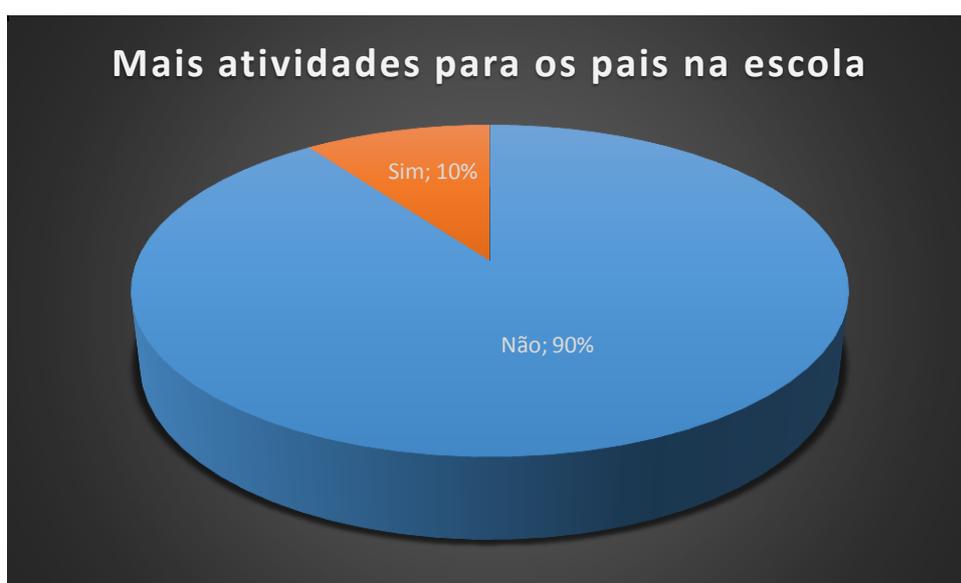
A certeza de que se tem é que mudando passo a passo, trazendo os pais para a escola, numa certa direção, pode-se operar a grande mudança, a

qual poderá acontecer como resultado de um esforço lento, porém contínuo e solidário.

Deve ser elaborada a construção de uma proposta pedagógica que privilegia um aluno com autonomia sobre seu conhecimento, atuante, de fato e de direito, ativo, solidário, responsável, cidadão. Deve privilegiar a realidade local, tendo como referência o homem, a escola, a sociedade e que os conteúdos curriculares tenham dimensões sociais, políticas e econômicas, possibilitando a expressão de cultura regional de contexto global, bem como um trabalho conjunto de todos os segmentos.

Com essa porcentagem extremamente elevada de pais que não conhecem o PPP da escola percebe-se que na realidade da escola o mesmo não se encontra do jeito que deveria ser. A ausência da comunidade escolar nos espaços de construção e elaboração do PPP contribui para esse índice, sendo que o projeto anterior (antes de desencadear esse processo democrático de construção) havia sido elaborado apenas pela supervisão da escola e com a participação de poucos professores que hoje fazem parte da escol.

Na sétima questão 90% dos pais colocaram que a escola não necessita realizar mais atividades. Já existem atividades suficientes que necessitam a presença dos mesmos.



Acredito que os pais em sua maioria não querem mais atividades na escola, pelo fato, de realizarmos diversas atividades que já envolvem a sua participação, e alguns considerarem desnecessárias certas informações repassadas nas reuniões.

O desafio do professor com relação ao seu aluno, para que a família possa vir à escola maior frequência, é a de pensar e executar uma nova prática pedagógica, tecida de novos procedimentos: substituir o despejar conteúdos por situações problematizadoras, investigadoras da curiosidade, que mobilizem o aluno para uma ação pessoal de busca, de envolvimento nas descobertas, de participe na construção de conceitos, verdades, ideais, fatos.

O diretor de uma escola que tenha gestão democrática, deve ser aberto, que ouça e reconheça os direitos, anseios e necessidades dos alunos, professores e comunidade, flexível à aceitação de mudança, que faça da escola uma entidade pública para todo.

Luckesi (1980) coloca que o diretor com gestão participativa, não pode permanecer fechado em seu gabinete. Deve ser aberto ao diálogo com toda a comunidade escolar, valorizando as iniciativas e trabalhos por ela elaborado. Deve também incentivar a participação, o entrosamento e harmonia dos diversos setores envolvidos no processo educacional.

Sobre a questão oito: *quais assuntos poderiam ser abordados nas reuniões com os pais*, destaco a resposta apresentada por uma mãe de um aluno da escola e que contribui para compreendermos essa relação que os pais percebem entre escola e sociedade.

“Em relação aos assuntos que poderiam ser abordados nas reuniões na escola, a mesma gostaria que fossem abordados assuntos relativos a internet, pois uma ferramenta fundamental no mundo atual. Todavia, pelas grande quantidade de informações, precisa-se muito debate, pois se as mesmas não forem bem utilizadas poderão trazer sérias consequências. Neste sentido, quanto mais debates em torno do assunto melhor, para que nós pais possamos melhor lidar e orientar o uso. Da mesma forma, há outros temas relevantes e que mereceriam ser abordados, que diz respeito ao uso do álcool e drogas, pois a prevenção passa pelo trabalho mútuo, assim como a redução do consumo e que trabalhar os temas fará com que nós tenhamos outro olhar sobre o problema. Família, respeito, ética, compromissos, também são outros temas que

precisam ser cada vez debatidos (Resposta - Questionário para os pais).

Podemos perceber que os pais gostariam de que a escola fosse democrática, organizada, com identidade social, atualizada, aberta, crítica, eficiente na educação, com professores conscientes, responsáveis. Escola em que o aluno seja o centro das atenções, seja sujeito de aprendizagem, trabalhando valores, construindo sua própria história. A comunidade quer uma escola de qualidade, participativa, humanizada, junta, com igual acesso de direitos, voltada para a cidadania, integrando professores, alunos, pais, comunidade, onde os problemas sejam discutidos de maneira crítica e construtiva, com oportunidade igual para todos.

2.3 UMA NOVA ESCOLA: PAIS MAIS PRESENTES

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional-LDB (lei nº 9394/960), o trabalho pedagógico precisa ser organizado com sensibilidade, valorizando o ato criativo e a construção pelas crianças de respostas, garantindo-lhes a participação em diferentes experiências.

Conforme este pensamento, a escola necessita de organizar um cotidiano de atividades agradáveis, estimulando, desafiadoras, sem ameaçar a autoestima, sem promover a competitividade das crianças, mas sim, estimulando a comunicação, a criatividade, a convivência, a busca de soluções para os problemas, apropriando-se de diferentes linguagens e saberes que circulam em nossa sociedade.

Devido à presença destas ideias, no ambiente escolar de aprendizagem, Freire (1998) é necessário pensar em um currículo baseado nas relações, nas interações e em práticas educativas direcionadas para experiências concretas do cotidiano das crianças para a aprendizagem da cultura, convívio no espaço da vida coletiva e para a produção de narrativas individuais e coletivas, através de diferentes linguagens.

A escola possui a finalidade de desenvolver o educando, assegurar a formação comum para o exercício da cidadania. Esse objetivo da instituição visa à introdução da criança na cultura. O estabelecimento de um clima de segurança, confiança, afetividade, incentivo, elogios e limites, colocados de forma sincera clara e afetiva dão o tom de qualidade da interação entre adultos e crianças. O professor consciente de que o vínculo é, para a criança, parte contínua de significações, reconhece e valoriza a relação interpessoal.

É necessário avaliar a questão do planejamento participativo como opção metodológica e a participação dos sujeitos durante o desencadear do processo educativo, descobrindo assim possibilidades e/ou resultados científicos que possam contribuir na construção entre a escola que temos e aquela que a comunidade escolar deseja. Vê-se, então, que a construção de um projeto político pedagógico com a participação dos pais na escola é um desafio, mas não uma utopia. É necessário conhecer os obstáculos e ultrapassá-los para buscar o aprimoramento necessário nas futuras construções participativas.

Para McLaren (1997), este tema deve ser amplamente discutido e confrontado, produzindo novas experiências de produção de conhecimentos e habilidades, ajudando a chegar ao necessário amadurecimento da prática de participação da comunidade escolar em projetos políticos pedagógicos. O projeto político pedagógico deve ter a união de todos, conscientização, colaboração, boa vontade para desenvolver um trabalho integrado, participativo, responsável, com um total envolvimento político com a educação, planejando e acompanhando todos os passos pedagógicos e administrativos da escola, buscando a melhoria da educação, o progresso e o sucesso da escola. (LUCKESI, 1980)

Ainda para McLaren (1997), a gestão escolar procura ser comprometida com a qualidade e produtividade da escola, responsável por tudo e por todos. Os pais desejam uma escola com uma equipe diretiva que tenha uma visão pedagógica e educacional, comprometida com a melhoria do processo educativo, com uma administração que lute pela qualidade do ensino e do currículo, proporcionando discussões sobre educação e realidade (TIBA, 1996).

Além disso, visar diminuir os índices de evasão e repetência, que tenha como premissa o melhor para a educação, trabalhando pela formação integral do aluno, como centro do processo educativo.

Temos que educar as pessoas, para que elas possam agir de maneira autônoma. Assim poderemos ter pessoas livres, só assim poderão, portanto, participar ativamente de toda a programação da escola.

Fazer juntos é diferente de consumir o que está pronto, acabado. Fazer juntos é não sonegar o prazer de sentir-se capaz de descobrir, de concluir, de sentir-se autor de aprendizagem. O fazer juntos implica o esforço reconstrutivo, essencial na aprendizagem. Essa mudança de concepção de aula, por si só, gera a mudança de atitude do aluno, que compreenderá que aprender é ato próprio é que a avaliação faz parte do processo e não parte final de um dado período.

A escola, para envolver a comunidade escolar, faz-se necessária uma gestão democrática implicada na participação intensa e constante dos diferentes segmentos sociais nos processos decisórios, no compartilhar as responsabilidades, na articulação de interesses, na transparência das ações, em mobilização e compromisso social, em controle coletivo. Cada escola precisa construir sua gestão democrática: não há fórmulas ou receitas mágicas, mas deve haver vontade, capacidade, criatividade, que representa os anseios, aspirações e ideias defendidas e desejadas pelos educadores nos últimos anos, tendo certeza de que esse é o caminho para se alcançar uma escola pública de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição escolar deve estar fundamentada numa postura pedagógica que reflete um sistema de valores condizentes com a realidade social, baseada numa mesma prática educativa. O educador, hoje, pode procurar uma prática pedagógica mais qualificada, problematizando sua concepção de homem, mundo, sociedade, educação.

O mundo se constitui num espaço atravessado por grupos e classes sociais com interesses e aspirações distintas. A cultura sofre as determinações dos conflitos e das contradições. Dessa forma, os valores emanam de relações recíprocas, entre o homem e o real, sua consciência e condições concretas de existência.

O conhecimento é uma atividade inseparável da prática social, resultante das trocas que se estabelecem entre o sujeito e meio social e cultural. O conhecimento se baseia numa reelaboração mental das informações que se traduzem em formas de ação sobre o mundo social.

A educação se relaciona didaticamente com a sociedade. Assim, apesar de sua vinculação aos determinantes históricos sociais, ela também poderá constituir-se em um instrumento importante de transformação social, com a função de elevar o nível de convivência do educando.

A escola deve ser valorizada como um instrumento de acesso ao saber historicamente acumulado e reavaliado face às realidades sociais. O educador pode ter uma concepção educacional voltada às necessidades e às transformações sociais, nunca esquecendo que seu papel é o elemento mediador entre a prática social vivida pelo aluno e o saber socialmente significativo que ele deverá dominar a fim de se tornar uma força ativa na transformação das estruturas sociais.

É preciso clareza política e competência técnica para viabilizar a Proposta Política Pedagógica e construir uma série, organizada, agradável,

com espaço para o conhecimento significativo, para o lúdico e para o prazer. Sem obsessão pela imobilidade e silêncio e capaz de ousar numa nova organização do currículo, dos tempos e espaço escolares para adequá-las às necessidades político-pedagógicas atuais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Evandro; SILVA, Maria Beatriz Gomes da. *Sala – ambiente. “Projeto Vivencial” como estratégia teórica – metodológica para a formação de gestores escolares.*

ALVES, Mazzotti e GWANDSZNAJDER, F. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais, Pesquisa Quantitativa e Qualitativa.* São Paulo: Pioneira, 2001.

BABABAN, Nancy. *O início da Vida Escolar da Separação à Independência.* Porto Alegre. Artes Médicas, 1988.

BARBIER, R.A *Pesquisa-ação.* Brasília: Plano, 2002.

DEMO, P.A. *Ranços e Avanços.* Nova LDB. Campinas: Papirus, 1997.

FEITOSA, Raimundo Moacir Mendes. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.* Ministério da Educação, 2009

FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia da Pesquisa – Ação – Educação e Pesquisa.* São Paulo. V. 31, n.3, p. 483 – 502, set/dez, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação Mediadora – Uma Prática em Construção da Pré-escola a Universidade.* Porto Alegre: Educação e Realidade, Faculdade da Educação da UFRG, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Temas em Educação Especial.* Rio de Janeiro, 1980.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo Crítico.* São Paulo: Cortez, 1997.

MELCHIOR, Maria Celina. *Avaliação Pedagógica.* Porto Alegre Mercado Aberto, 1994

RAYAS, Oswaldo Alonso. *Leituras para repensar a Prática*. Porto Alegre. Sagra, 1990

SALK, Dr. Lee. *O Que Toda Criança Gostaria Que os Pais Soubesse*. Círculo do Livro S.A. São Paulo, 1976

SILVA Daiana; Cristina VARANI Adriana. A relação família-escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 91, n. 229, p. 511-527, set./dez. 2010.

SILVA, Maria Beatriz Gomes da; RODRIGUES, Maria Luiza (Org.) *Formação e distância para gestores da Educação Básica: olhares sobre uma experiência no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Evangraf, 2014

SILVA, P. *Escola – Família, Uma relação armadilha, Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto. Edições Afrontamento, 2003.

THURLER, M.G. *Inovar no Interior da Escola*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

TIBA, Içaml. *Disciplina, Limite na Medida Certa*. São Paulo. Editora Gente, 1996

ZAGURY, Tânia. *Educar Sem Culpa. A Gênese da Ética*. Rio de Janeiro. Record, 1993

APENDICES

- QUESTIONAMENTO PARA OS PAIS -

1. Sobre sua participação na escola (eventos, reuniões, festividades...) você diria que:
 - a) Participa sempre ()
 - b) Participa algumas vezes ()
 - c) Participa pouco ()
 - d) Não participa nunca ()

2. Você considera que acompanhar a vida escolar de seus filhos é:
 - a) Muito importante
 - b) Pouco importante
 - c) Nada importante

3. Você auxilia seu filho(a) nas atividades desenvolvidas em casa:
 - a) Sempre ()
 - b) Quase sempre ()
 - c) Às vezes ()
 - d) Quase nunca ()
 - e) Nunca ()

4. Em sua opinião, você diria que seu/sua) filho(a) encontra-se, quando se trata de ir para a escola:
 - a) Muito motivado/a ()
 - b) Motivado/a ()
 - c) Pouco motivado/a ()

5. Sobre a forma como a escola se comunica com os pais, você diria que seus procedimentos são:
- a) Frequentes e de fácil compreensão ()
 - b) Frequentes, porém de difícil compreensão ()
 - c) Infrequentes, porém de fácil compreensão ()
 - d) Infrequentes e de difícil compreensão ()
6. Você conhece o Projeto Político Pedagógico da escola?
- a) Sim () Desde quando: _____
 - b) Não ()
7. Você gostaria que a escola realizasse mais atividades para sua participação? Se a resposta for positiva, dê sugestões.
8. Há algum assunto ou tema que você gostaria que a escola abordasse nas reuniões com os pais?